

Considerações finais

A reflexão teológica na perspectiva das relações de gênero constitui atualmente uma das vertentes mais promissoras na teologia da Igreja latino-americana. Assim como qualquer outra mudança de paradigma¹, não ocorre sem a crise do paradigma dominante. A emergência das mulheres como sujeitos de elaboração teológica nos últimos anos constitui um dos fatores de crise em relação à teologia tradicional. Se o despertar de tal crise ainda não foi capaz de mudar as grandes estruturas, é porque estas têm sido milenarmente construídas, arraigadas no imaginário individual e coletivo. Todavia, esse *novo jeito* de fazer teologia com seus novos modelos interpretativos e explicativos já têm sido em parte incorporados pelos próprios homens na sociedade e na Igreja. Para Rubio, “o teólogo homem terá que ir aprendendo a escutar com respeito, interesse e hospitalidade aquilo que a mulher tem a falar sobre ela mesma e sobre suas relações com o mundo, com os homens, com as outras mulheres e com Deus.”²

A mulher que tem consciência de si é aquela que, ao mesmo tempo, sente a necessidade da participação consciente das/os demais no processo de construção do Reino de Deus. Daí ser possível falar de *cons-ciência* libertada e libertadora. A teóloga é aquela que realiza uma experiência similar à Samaritana (Jo 4). Ao descobrir a si própria na experiência de fé, ela corre em vistas de anunciar aos demais o que lhe aconteceu, de modo que outras pessoas também façam seu caminho.

É justamente essa nova mulher que desperta na Igreja. Com efeito, ela desperta porque de fato sempre esteve aí adormecida em suas potencialidades, quase invisível. A contribuição da hermenêutica bíblica na perspectiva das

¹ Para Thomas Kuhn, paradigma científico configura a constelação de crenças valores, técnicas que membros de uma determinada comunidade partilham e que constituem meios de enfrentar e solucionar problemas. Sobre os paradigmas, Cf. KUHN, T. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1994.

² RUBIO, A. G. *Prática da Teologia em Novos Paradigmas. Adequação aos Tempos Atuais*. In: FABRI DOS ANJOS, M. (Org.). *Teologia aberta ao futuro*. São Paulo: Soter/ Loyola, 1997, p 244.

relações de gênero nos permite afirmar que a cultura patriarcal relegou à mulher uma *existência diminuída* e desvirtuada de sua essência (Cf. Capítulo 1). Seu despertar para além do espaço a ela destinado, assim como sua ruptura dos interditos que lhe foram impostos em busca da afirmação de sua *essencial dignidade humana*, se deve a um processo amplo de transformações no mundo e na sociedade.

Na América Latina, a teologia feita por mulheres está inserida num contexto cultural (de dominação), econômico (de exploração) e religioso (de alienação). O processo de construção de um discurso teológico a partir de novos critérios constitui num dos elementos fundamentais para que as mulheres possam ser protagonistas de uma nova Igreja. Ocorre que, historicamente, as mulheres viram a realidade e até mesmo *sua* realidade com a lente dos homens, ou seja, fazendo uso dos critérios, pressupostos e posicionamentos dos homens. Elas têm introjetado um discurso que fizeram dela e para ela, assumido como padrão de verdade sobre si próprias e a ser transmitido para as gerações vindouras.

A construção de um discurso teológico próprio exige romper com essa “violência epistêmica”³, ao lado de tantas outras formas de violência. A constituição de uma nova *cons-ciência* na qual a mulher torna-se sujeito, além de postular uma nova maneira de viver e de rezar a própria fé implica também a possibilidade de teologizar essa relação com Deus a partir da especificidade de sua condição humana.

Com efeito, a reflexão teológica volve-se um meio para despertar outras consciências em direção a novos horizontes. Significa que a renovação da Igreja, tão propagada pelo Concílio Vaticano II, passa pela abertura de sua teologia, o que inclui a valorização, escuta e inserção do discurso teológico desde a perspectiva das mulheres.

Esse novo *tom de voz* da teologia que começou a ecoar na Igreja latino-americana a partir dos anos 1970 tem propiciado a essa mesma Igreja contribuições de significativa importância para a compreensão e vivência da mensagem evangélica. Um dos desdobramentos dessas contribuições é a elaboração de uma hermenêutica da suspeição concernente aos textos bíblicos, em

³ Cf. RUBIO, A. G. Prática da Teologia em novos paradigmas. Adequação aos tempos atuais. Op. cit., p. 244.

vistas da transformação da situação das mulheres na comunidade atual. Vale ressaltar que pensar a situação das mulheres somente sob o viés dos grandes problemas que atingem a América Latina, como a situação de pobreza e dependência econômica, é necessário, mas não suficiente. É mister relevar que as mulheres querem ainda libertar-se de sua condição de invisibilidade. Se de fato as mulheres tivessem consciência de si próprias e fossem ouvidas, seriam vozes de mais da metade da humanidade reivindicando melhores condições de vida, de igual dignidade e de plenitude de vida. Todavia, como serão ouvidas se ainda não sabem falar? Se ainda não são levadas em conta? Se nem mesmo são visíveis?

Acredito que uma das mais salutares contribuições da reflexão teológica na perspectiva de gênero está na aprendizagem de novas linguagens capazes de construir novos significados para mulheres e homens: linguagem de inclusão, do respeito mútuo, da valorização das diferenças entre os sexos e da exaltação de nossa igualdade fundamental; linguagem capaz de fazer eco, de ser ouvida e fazer perceber de onde vem a voz.

Creemos que as mulheres podem contribuir enormemente, frente à falta de fé de muitos, na transformação de uma lógica mais humanizante e inclusiva com melhores relações intra-humanas (...). As mulheres - unem-se - para oferecer utopias e alternativas diferentes para aqueles que têm uma esperança débil.⁴

É inegável que as mulheres têm batalhado para inverter sua própria história. Com isso, elas têm contribuído para outras transformações na sociedade e na Igreja. Prova disso é sua inserção crescente tanto nos processos históricos de mudança⁵ como no campo da epistemologia teológica.

Referindo-se ao movimento global do feminismo L. Boff pondera que:

por um lado, [ele] colocou em xeque o projeto do patriarcado e desconstruiu as relações de gênero, organizadas sob o signo da opressão e da dependência. Por outro, inaugurou relações mais simétricas entre os gêneros. Tais avanços deixam entrever os albos de uma virada no eixo cultural da humanidade. Esboça-se por todas partes um novo tipo de manifestação e de solidariedade nas quais homens e mulheres se acolhem em suas diferenças no horizonte de uma profunda igualdade pessoal, de origem e de destino, de tarefa e de compromisso na construção de

⁴ TAMEZ, E. Hermenêutica feminista latinoamericana. Una mirada retrospectiva. In: TAMEZ, E. et al. *Religión y Género*. Op. cit., p. 44.

⁵ Cf. Capítulo 4, especialmente o item 4.1, que trata do contexto histórico.

mais benevolência para com a vida e a Terra e de formas sociais participativas e democráticas entre os gêneros.⁶

L. Boff recorda que as polaridades humanas masculino/feminino estão muito presentes nas antigas mitologias e cosmogonias religiosas⁷. No entanto, o catastrófico tem sido o modo pelo qual a cultura ocidental deslocou tais princípios para a realidade existencial de homens e mulheres⁸ proporcionando desequilíbrios insustentáveis.

Uma das grandes contribuições que a teologia e hermenêutica bíblica na perspectiva de gênero nos tem proporcionado é a possibilidade de se estabelecer uma relação de distanciamento-aproximação entre o texto *sagrado escrito* (Bíblia) e o texto *sagrado da vida*, particularmente da vida das mulheres.

Para fazermos a releitura de um texto é indispensável ‘tomarmos distância’, sobretudo se o texto nos é muito familiar. ‘Tomar distância’ significa tentar ler e ouvir aquela palavra como se fosse a primeira vez, observando os detalhes - mesmo os que parecem lógicos e comuns - admirando-se e estranhando que seja assim e não diferente. É importante deixar que aflorem as perguntas motivadas pela presença ou ausência deste ou daquele elemento. (...) Esse processo de leitura, para ser frutuoso, deve vir ‘embebido’ pela experiência de quem o realiza. O distanciamento, então, se transforma em aproximação e a Palavra se torna viva, algo novamente familiar, mas de uma familiaridade diferente daquela anterior. (...) Este exercício de distanciamento-aproximação vai nos ajudar a encontrar chaves de leitura libertadoras, não só para a discriminação da mulher, mas para todas as situações opressivas.⁹

A hermenêutica bíblica tem contribuído para uma esclarecida e verdadeira volta às fontes da Revelação, tirando os véus que a cultura patriarcal colocou sobre a *imagem/semelhança* da mulher. Ela tem ajudado a desmascarar os critérios androcêntricos que subjugarão e pesaram sobre ela.

⁶ BOFF, L. Masculino/Feminino: o que é o ser humano? In: SOTER (Org.). *Gênero e Teologia: Interações e perspectivas*. São Paulo: Paulinas/Loyola/Soter, 2003, p.212.

⁷ No taoísmo chinês, masculino/feminino constitui uma realidade composta de duas partes iguais, de luz e de sombra (yin-yang). Na Babilônia, a própria realidade possui um caráter andrógino, contida pelo masculino/feminino: o Caos, a terra e a noite são representações do feminino; a Ordem, o dia e o ar, representações do masculino. Na Grécia, com Platão (no *Banquete*), o surgimento do homem e da mulher também tem natureza andrógina inicialmente, separando-se posteriormente; de acordo com o mito, os seres humanos estão em busca da reconstrução da unidade inicial. Entre os Hebreus, essa androginia reaparece no *Midrash*, sendo a divisão causada pelo pecado (Cf. BOFF, L. Masculino/Feminino: o que é o ser humano? Op.cit., p. 215-6). Nos relatos bíblicos de origem, conforme vimos no primeiro capítulo da presente pesquisa, reaparece uma humanidade identificada na forma homem/mulher (*ish e ishá*).

⁸ Cf. CAPRA, F. Op. cit., p. 32ss.

⁹ BRUNELLI, D. Op. cit., p 46.

Na primeira parte dessa pesquisa, ao aplicar a hermenêutica na perspectiva de gênero para textos clássicos a respeito da origem do bem - a criação da humanidade no equilíbrio de relações (Gn 1-2) -, e a origem do mal - o rompimento do equilíbrio pelo pecado (Gn 3) -, concluímos que as mazelas experimentadas em nossas histórias de vida não são queridas por Deus; elas são conseqüências do desequilíbrio das relações como a afirmação de poder de uns sobre outros, o egoísmo, o desencantamento enquanto perda de sentido da vida causada pela ausência de Deus.

Quando aqueles relatos foram escritos, seus autores sagrados queriam mostrar que a realidade presente estava longe de configurar o *paraíso* querido por Deus. Ali já estava indicada a questão das relações humanas e os aspectos negativos que a cultura havia destinado à mulher. Um dos esforços do autor bíblico, sobretudo o relato sacerdotal, consistiu em resgatar a dignidade da mulher diante do patriarcalismo reinante.

A importância da hermenêutica dos relatos da criação humana na perspectiva de gênero reside na resignificação dos símbolos a partir de uma visão na qual reconhecemos valores como os da alteridade, reciprocidade, individualidade, especificidade, unidade, completude, plenitude de vida. Tais valores, segundo entendemos, são imprescindíveis, quando se trata da construção de uma sociedade nova. “E Deus os abençoou” (Gn 1,28). Abençoado será o mundo quando superadas as divisões, os seres humanos construam na diferença um mundo com possibilidades igualitárias para todos indiscriminadamente.

Quando analisamos o relato javista, vimos que a criação da mulher é um momento apoteótico no processo da criação (é posterior à criação do homem); ela é situada como um ser necessário para concluir a obra divina última a ser criada, mostrando que o próprio Deus percebe ser o homem um ser incompleto e infeliz sem a mulher: “Não é bom que o homem esteja só” (Gn 2,18a); “vou fazer uma companheira que lhe corresponda” (Gn 2, 18a).

Assim como nos primórdios a mulher fora alguém fundamental para que o homem se reconhecesse como humano (“essa é o osso dos meus ossos, carne de minha carne”), também hoje a contribuição da mulher continua sendo imprescindível para que o homem reconheça quem ele verdadeiramente é. Dessa

forma, a reconstituição da humanidade plena que tanto aspiramos exige a revalorização do ser humano na sua completude, homem e mulher.

Quanto ao Gn 3, sabemos ser o relato que marcou definitivamente a imagem negativa da mulher. Contudo, na Bíblia judaica (*Tanak*) a referência à Eva aparece somente nessa perícopa. Na Bíblia cristã, não aparece nos Evangelhos. A reserva maior deverá ser feita ao cristianismo posterior, sobretudo às cartas de São Paulo (Cf 1Cor 11, 1-16; 14, 34-35; Ef 5, 21-33), e à teologia agostiniana.

Quando tratamos dos conflitos vividos pelas mulheres estéreis, há que se recordar que isso resulta da forma como tais mulheres entendem os feitos de Deus na história de seu povo e delas mesmas. Na situação extrema de impossibilidade, de esterilidade, há sempre a intervenção miraculosa de Deus. Tais mulheres marcam a história porque foram mães de filhos que definem a história no Israel Antigo, dando continuidade ao plano de salvação. Percebe-se nesses relatos históricos que a importância das mulheres deixa muito a desejar; elas só são importantes em função de seus filhos homens. Não passam de colaboradoras, nunca são protagonistas. Contudo, o que mais chama a atenção no item que denominamos “As mães de Israel” é a introjeção da representação patriarcal. O enfrentamento entre mulheres em vistas de serem “mais amadas” ou assumirem a condição de “primeira esposa” diante do mesmo homem denota que nem sempre o Patriarcado é a imposição do homem sobre a mulher, mas também a prevalência de valores androcêntricos no imaginário das mulheres. Essa é uma das razões pelas quais poderíamos dizer que o processo de conscientização e libertação das mulheres deve começar a partir de uma mudança no imaginário individual e coletivo das próprias mulheres.

Quanto às líderes do AT ressaltadas no estudo, cremos que, de certo modo contrastam com as matriarcas anteriormente destacadas. Elas não se destacam em função de seus filhos biológicos. Sua importância reside menos no lugar que ocupam no espaço privado do que no espaço público. Poder-se-ia dizer que são mães de Israel no sentido político, ainda que pudessem ser também mães no sentido biológico. O que é insuportável na representação patriarcal é que as mulheres, além dos afazeres privados, possam também exercer outras funções públicas ao mesmo tempo. Não é o que ocorre?

Mulheres como Débora designam ainda pessoas extremamente tementes a Deus e persistentes em seus objetivos. Por sua vez, Rute e Noemi, são apresentadas como mulheres que se solidarizam na dor, em contraste com as mulheres do Gênesis que se enfrentam diante das dificuldades.

Na tentativa de estabelecer uma crítica à cultura patriarcal, a teologia na perspectiva de gênero tem constantemente buscado nos textos bíblicos elementos que legitimem um novo paradigma de relações humanas.

Quando tratamos de analisar passagens emblemáticas do Novo Testamento, descobrimos verdadeiras *boas notícias* para as mulheres no que concerne ao relacionamento com Jesus. Esse ponto de partida bíblico que enfatiza o discipulado das mulheres¹⁰ tem sido marcante para a teologia na perspectiva de gênero, quando esta apresenta as origens do cristianismo a partir da mulher.¹¹

O resgate da memória de mulheres do AT e do NT que subverteram as representações patriarcais de seu tempo é de significativa importância não somente para fundamentar e inspirar as reivindicações das mulheres no presente, mas também para reforçar sua igual dignidade e suas lutas por libertação diante de estruturas que ainda permanecem muito aquém da instauração do Reino que Deus quer para todos/as. Todavia, a análise da situação da mulher no contexto do movimento de Jesus, é fundamental no sentido de que apresenta o Reino de Deus como uma realidade já existente e a ser construída ao mesmo tempo. No movimento de Jesus o discipulado é de todos, considerados como iguais. Não há excluídos/as. Ricos e pobres, judeus e gentios, homens e mulheres, escravos e livres, puros e impuros, crianças e adultos, são e doentes, todos merecem sua atenção, incluídos no seu círculo de vivência e na pauta de seus discursos:

Desenrolando o livro, escolheu a passagem onde está escrito (61,1s.): ‘O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu; e enviou-me para anunciar a boa nova aos pobres, para sarar os contritos de coração, para anunciar aos cativos a redenção, aos cegos a restauração da vista, para pôr em liberdade os cativos, para publicar o ano da graça do Senhor. E enrolando o livro, deu-o ao ministro e sentou-se; todos quantos estavam na sinagoga tinham os olhos fixos nele. Ele começou a dizer-lhes: Hoje se cumpriu este oráculo que vós acabais de ouvir. (Lc 4, 17b-21).

¹⁰ FIORENZA, E. S. *Discipulado de iguais*, Op. cit.; TEPEDINO, A. M. *As discípulas de Jesus*, Op. cit.

¹¹ FIORENZA, E. S. *As origens cristãs a partir da mulher*. Op. cit.

No entanto, dificilmente pode-se afirmar que no Novo Testamento as mulheres se entendam como um grupo unitário, com uma luta comum (Cf. p. 49). Mesmo que situemos a marginalização das mulheres, elas estão situadas entre outros grupos de marginalizados porque a redenção é para todos.

As pesquisas realizadas por J. Jeremias sobre a condição da mulher entre os judeus possibilita apresentar o caráter inclusivo do movimento de Jesus. Movimento que se materializa pela atividade concreta de acolhimento a todos/as, de modo que estes se tornem testemunhas de seus ensinamentos, sinais e arautos do Reino por Jesus instaurado.

A prática histórica de Jesus constitui para os cristãos/ãs a chave para a interpretação da Escritura e da Vida. O movimento de Jesus não é somente revolucionário no que concerne ao seu posicionamento diante da Lei e a Religião de seu tempo; sua prática tornou-se um exemplo de possibilidade de transformação para todos os tempos, de modo a incitar que as relações se tornem mais humanas e humanizantes.

Com efeito, são as mulheres as presenças destemidas do início e ao fim da vida de Jesus. São elas que, de acordo com Fiorenza, começam a evangelizar além fronteiras do mundo judeu. Assim como uma dessas mulheres, que é a Samaritana de Jo 4, as mulheres teólogas latino-americanas têm tomado seu cântaro - aqui denotando sua realidade de oprimida entre os oprimidos, de invisibilidade e de silenciamento - e se dirigido ao poço, ao lado de tantas outras samaritanas, e passaram a estabelecer um diálogo surpreendente com Jesus Cristo. Assim como a Samaritana, elas aprenderam lições de sabedoria, compreenderam sua história, sua religião e a si próprias. Como a Samaritana, fizeram uma experiência de Deus singular e direta, um face-a-face que não passa pela intermediação da cultura androcêntrica e dos preconceitos patriarcais.

A teologia na perspectiva das relações de gênero quer falar dessa experiência de fé que as próprias das mulheres fazem, a partir de sua condição e mundivisão. Isso tem possibilitado a presença constante, ainda que encoberta, de mulheres que realizaram grandes transformações, como é o caso de Maria de Nazaré. Embora a Tradição cristã a tenha tornado uma figura ambígua e antagônica, ela é uma mulher historicamente situada, longe da figura espiritualizada freqüentemente salientada na teologia tradicional católica. Foi sua

experiência profunda de fé que a fez dizer o *Fiat* e a impulsionou destemidamente a proclamar o *Magnificat*. Na perspectiva teológica de gênero, a presença de Maria de Nazaré está relacionada ao anseio das mulheres por libertação das estruturas patriarcais e das representações androcêntricas. Tanto o *Fiat* como o *Magnificat* materializam tais objetivos. “Que sejam destronados os poderosos e exaltados os humildes”, constitui um dos referenciais por excelência na hermenêutica bíblica.

Um dos aspectos relevantes da teologia na perspectiva de gênero na América Latina é seu caminho irremediável, sem volta. Significa que há muito tempo não se pode falar de teologia na América da Latina, ignorando a experiência e a ótica das mulheres a partir dos mais variados temas teológicos. Nesse aspecto, têm sido as mulheres as que trouxeram a reflexão de gênero para o interior da teologia, constituindo uma das riquezas dos últimos anos para a própria vida eclesial. Isso tem permitido um enfrentamento constante e contínuo do longo processo cultural que deu sustentação à condição de dependência, subserviência e invisibilidade da mulher em todos os setores da vida humana.

Por isso, o desafio que ainda remanesce, não tanto na reflexão teológica em si, mas principalmente na prática real da sociedade e da Igreja, é uma efetiva *mudança de atitude* que implique no reconhecimento da igualdade, reciprocidade e completude entre homens e mulheres, como já indicamos (Cf. p.1; 12, n. 26). Esse desafio que excede a simples promoção e emancipação *da* mulher supõe que ela própria se transforme em agente de sua libertação das estruturas patriarcais. Por isso é que convinha começar a elaborar uma teologia na ótica das mulheres, a partir de suas experiências e expectativas para que, posteriormente, toda a teologia pudesse enfrentar o desafio das relações de gênero.

De acordo com Garcia Rubio, este é um dos desafios mais fundamentais que a reflexão teológica - de homens e mulheres - é chamada a enfrentar.

Que a mulher seja fiel a ela mesma, como mulher, superando as dependências que a mantiveram, séculos após séculos, impedida de desabrochar como sujeito de pleno direito na vida doméstica, na vida social e política, na vida econômica, nas ciências, na vida universitária e, da mesma maneira na vida eclesial.¹²

¹² RUBIO, A. G. Prática da Teologia em novos paradigmas. Op. cit., p 246.

Para o mesmo teólogo, isto constitui um processo de grande envergadura. Sua viabilidade implica modificações nas relações de poder existentes na sociedade e na Igreja; supõe ainda um diálogo da teologia com as ciências antropológicas, as artes, a literatura, a filosofia. Conforme Nunes Machado, somente um esforço interdisciplinar de longo alcance pode levar a identificar os processos que produziram e produzem as relações sociais que colocam as mulheres em situação de inferioridade.¹³

A teologia, sensível à humanização, não deveria se omitir em relação ao enorme desafio, para as mulheres e homens, que significa o processo de dignificação das relações em todos os níveis. Sem dúvida, este processo implica importantes conseqüências para a revisão da instituição eclesial.¹⁴

O que tentamos sublinhar aqui é que, do ponto de vista teórico, vivemos na época da decadência do machismo, tanto na filosofia como na teologia. Isso significa que o ser humano é capaz de construir ou destruir, manter ou romper os preconceitos postos pelas diversas instâncias que compõem sua realidade. Assim, foram destruídas aquelas concepções filosóficas e teológicas nas quais o ser humano era redutível ao ser masculino, sendo a mulher apenas um ser de segunda categoria. “As concepções filosóficas que consideravam o humano como masculino perderam hoje, (...) sua consistência histórica e sua coerência a partir de uma racionalidade igualitária”.¹⁵

O problema é a efetivação dos posicionamentos teóricos nas práticas sociais e religiosas. A maioria das teólogas feministas atuais como, por exemplo, Ivone Gebara, reconhecem o “conflito de coerência teórica e de práticas na linha da edificação comum de relações justas e igualitárias.”¹⁶ Pensamos que esse ainda é o grande sonho da teologia feita por mulheres na América Latina. “Uma visão, um sonho, parte de uma realidade de descontentamento e de um desejo profundo

¹³ Cf. (NUNES MACHADO, M. J. Gênero, saber, poder e religião, in FABRO DOS ANJOS, M. (Org.). *Teologia e novos paradigmas*. São Paulo: Loyola-Soter, 1996, p. 89-104) *apud* RUBIO, A. G. Prática da teologia em novos paradigmas, Op. cit., p. 245.

¹⁴ *Ibid.*, p. 246.

¹⁵ GEBARA, I. Entre os limites da filosofia e da teologia feminista. In: SOTER (Org.). *Gênero e Teologia: Interpelações e perspectivas*. São Paulo: Paulinas/Loyola/Soter, 2003, p. 156.

¹⁶ *Ibid.*, p. 157.

de transformação dessa realidade. A visão projeta o que não se vive, mas se deseja viver.”¹⁷

A transformação que ainda se almeja é a mudança de atitude, em prol de uma igualdade essencial vivida nas diferenças acidentais entre homens e mulheres; aquilo pelo qual se luta, principalmente entre as mulheres que têm se esforçado por serem sujeitos de sua própria ação e reflexão é a libertação das estruturas patriarcais a partir das quais projeta-se uma imagem de seres humanos segundo as quais uns têm maiores poderes e direitos que outros.

Nesse aspecto, uma vez mais é preciso destacar a importância da hermenêutica bíblica, no sentido de diferenciar a roupagem cultural da mensagem da Revelação. As teologias interpretativas, ao tomarem como ponto de partida as condições concretas de opressão das mulheres da Bíblia, enfatizaram a leitura e escuta atenta dos textos de modo a perceber para além da cultura patriarcal a Palavra reveladora de Deus sobre as mulheres e para as mulheres.

A solidariedade, a comunhão de objetivos, a força de resistência, a criatividade, a tenacidade, a alteridade, a ternura, a abertura a Deus, a coragem, a audácia, o diálogo e a iniciativa, constituem os diferentes matizes do embate histórico da teologia feita por mulheres, especialmente na América Latina. Contudo, convém ser ressaltado que tal embate faz parte de um processo que ainda não terminou, mas cujo primeiro passo já está sendo dado.

¹⁷ TAMEZ, E. La sociedad que las mujeres queremos. Una lectura desde la Biblia y los derechos humanos de las mujeres. In: TAMEZ, E. (Org.). *La sociedad que las mujeres soñamos*. Nuevas relaciones varón-mujer en un nuevo orden económico. Costa Rica: DEI, 2001, p. 43.